

Iolanda Évora

De emigrantes/imigrantes a migrantes  
transnacionais; possibilidades e limites  
de uma nova categoria de análise da  
identidade e migração cabo-verdianas

3º CONGRESSO DA APA – “Afinidade e Diferença” a 6-8 de Abril, 2006

*O CEsA não confirma nem infirma  
quaisquer opiniões expressas pelos autores  
nos documentos que edita.*

## **Resumo**

No campo da migração caboverdiana, o transnacionalismo vem se consolidando como uma nova lente de abordagem das velhas experiências de trocas e participação em práticas sociais que ultrapassam fronteiras nacionais. Ao mesmo tempo, os estudos sobre identidade e migração caboverdianas mostram a preponderância da dupla existência emigrante/imigrante como forma de reconhecimento das pessoas e dos grupos. Neste trabalho, propomos examinar as correspondências ou oposições entre a evidente consolidação do transnacionalismo caboverdiano como objecto de estudo das ciências sociais e as possibilidades de constituição de uma nova constelação identitária pela qual os indivíduos e os grupos se reconhecem como migrantes transnacionais. O transnacionalismo e a identidade são conceitos cuja justaposição parece inerente, na medida em que, como campo social, o transnacionalismo comporta variáveis sociológicas que exercem efeito discernível sobre o campo psicológico da identidade. Pela perspectiva do campo social, serão examinadas as mudanças que o modo de viver transnacional opera nas formas de viver a assimilação/exclusão nos lugares de imigração e, entre outros laços, o mito do retorno à origem. Um novo dinamismo na construção, negociação e reprodução de identidades significa, para cada actor, definir-se de forma diferente em termos de classe, raça e género. Além disso, outras categorias sociais podem emergir nesse contexto, e mesmo apresentando diferentes graus de saliência entre si, no campo social, sustentam a necessidade de novas estruturas de referência que possam capturar as experiências sociais e económicas dos migrantes em diferentes lugares.

Transnacionalismo e identidade são conceitos que se justapõem porque muitas redes transnacionais de trocas e de participação evidenciam algumas percepções sobre a identidade comum, como podemos ver no caso de Cabo Verde. Nos diferentes estudos sobre as práticas transnacionais cabo-verdianas tem-se apontado como a rede transnacional reforça a percepção dos cabo-verdianos sobre o que partilham entre si, em termos da herança cultural e das virtudes que caracterizam o cabo-verdiano como povo, tomando-as como aspectos da identidade comum que remetem a uma mesma origem e aos traços culturais e lingüísticos que lhe são associados. Refere-se que essas redes transnacionais intensificam a troca de símbolos nacionais considerados importantes (como a música) e favorecem o reconhecimento e o fortalecimento da “cabo-verdianidade” e da “morabeza” (Malheiros, 2001; Vieira, 1998; Hoffman, 2006). Contribuem, assim, para assegurar padrões de comunicação ou de trocas de recursos e de informação, bem como a participação em actividades sócio-culturais e políticas que cruzam fronteiras, envolvem várias pessoas ao mesmo tempo e têm repercussões nas diferentes comunidades. Destaca-se, ainda, o papel das ilhas do arquipélago que funcionam como ponto de encontro privilegiado das famílias e dos grupos dispersos e locais de realização das diversas actividades públicas e particulares que coincidem com os períodos de férias de muitos emigrantes. Entre as actividades, ganham maior visibilidade os festivais que se realizam em várias praias de diferentes ilhas de Cabo Verde e reúnem músicos, imigrantes e residentes num mesmo espaço, além de contarem com artistas estrangeiros. Ou, ainda, o Congresso de Quadros da Diáspora, evento bienal, cujas últimas edições aconteceram em Cabo Verde. O Congresso costuma reunir membros de associações de vários lugares na imigração, pessoas e entidades do arquipélago e, a cada evento, elege um tema e um lema sobre a imigração cabo-verdiana que reúne o consenso entre os participantes vindos do exterior. Por seu lado, o exemplo das rabidantes, mulheres comerciantes de Cabo Verde, descreve, igualmente, uma actividade transnacional, desta feita, de carácter permanente. O trabalho das comerciantes depende do seu dinamismo multiterritorial, que se estrutura em torno de redes identitárias e de solidariedade no interior da complexa malha que forma a diáspora cabo-verdiana, revelando muito mais do que a natureza material desta actividade e da diáspora (Grassi, 2003). Na literatura sobre o transnacionalismo ou a migração cabo-verdiana em geral, os discursos oficiais e populares analisados reflectem um entendimento institucional e público sobre a identidade cabo-verdiana, vista nas suas funções de artifício de ordenação ou de engenharia cultural, com reflexos nas formas de fixação da cultura cabo-verdiana nos lugares de imigração. Em geral, o entendimento é o de que, no caso dos cabo-verdianos, em primeiro

lugar, a origem é uma forte referência e, por outro lado, é possível presumir-se a presença de uma comunidade no exterior relativamente singular e homogênea. Do ponto de vista das pessoas, este entendimento corresponde a uma assertiva sobre si próprias, como uma “identidade” ou “comunidade”. Perante esta presumível homogeneidade, as diferenças de origem que opõem classes, grupos são frequentemente mencionadas, mas raramente tratadas sistematicamente. Muito menos, as repercussões das difíceis negociações que percebemos no interior do arquipélago, relativas às diferentes contribuições culturais para a formação da sociedade cabo-verdiana que explicam a diversidade encontrada entre as diferentes ilhas ou grupos de ilhas.

Enquanto o script convencional sobre as formas de “pertencimento”, na esfera pública, tem por base o exclusivismo nacional e étnico, a experiência transnacional orienta para um sentido mais cosmopolita de participação e pertencimento que, no caso de Cabo Verde, deve ser resgatado, em primeiro lugar, na própria história da sua formação, como referimos acima.

Pela experiência no campo social transnacional acrescenta-se aos factores (diferenciais) na origem, os modos complexos das inserções dos cabo-verdianos no contexto imigratório e os processos pelos quais as identidades de muitos indivíduos e grupos são negociadas dentro de mundos sociais que abrangem mais de um lugar na imigração. Como afirma Hall, é preciso tomar a identidade como aquilo que “sutura” o sujeito à estrutura, estabilizando, portanto, quer os sujeitos, quer os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (Hall, 2001). Entretanto, experiências como a do transnacionalismo acrescentam complexidade à unificação e predição pois, neste caso, é o processo de identificação através do qual o imigrante se projecta na identidade cultural (ligada à migração) que se tornou mais variável, problemático e provisório.

A seguir, vamos apresentar trechos de 3 narrativas relativas a experiências pessoais no campo transnacional escolhidas para ilustrar que, sendo as identidades condicionadas dentro de mundos sociais específicos, quando as experiências na imigração se tornam mais complexas, consequentemente, é de se esperar que os engajamentos e as representações do self também sejam múltiplos:

A Rosa é uma jovem que emigrou de Cabo Verde para o Luxemburgo, onde já se encontravam outros irmãos e primos. Após algum tempo, decidiu tentar a vida em Portugal, não porque estivesse mal (refere-se às boas condições de trabalho em serviço fixo de limpeza), mas porque precisava tratar de, em primeiro lugar, conseguir trazer o filho, ainda em Cabo Verde. Veio para Portugal, assustou-se com a diferença em termos salariais (aqui trabalha num cabeleireiro e ganha muito menos da metade do que ganhava no Luxemburgo), foi buscar o filho a Cabo Verde, veio grávida e, durante 3 anos, orientou todos os seus esforços para tornar

possível a emigração do seu marido também (isto seria uma discussão à parte, o custo material que significa conseguir fazer outra pessoa emigrar, num contexto em que é preciso vencer, lidar com... as restrições legais à emigração). O marido, finalmente, consegue emigrar para Portugal, mas, ao procurar reconstruir a relação exigindo as mesmas atribuições de papel de marido e esposa em Cabo Verde, se depara com uma forte resistência por parte de Rosa, em dar-lhe satisfações sobre os seus horários, os amigos e as suas iniciativas para aumentar a renda familiar, envolvendo-se no comércio, para além do seu trabalho no cabeleireiro. A relação rompe-se e, agora, Rosa decidiu voltar ao Luxemburgo com seus dois filhos, certa de que os irmãos a ajudarão a encontrar um trabalho como o que tinha inicialmente. Faz comparações indirectas sobre a forma de tratamento que a patroa aqui lhes destina, sobretudo em relação a uma divisão injusta dos seus rendimentos como cabeleireira. Também argumenta que os filhos terão boa escola e que a vida lá é muito mais tranqüila. Até ponderou ir para a Holanda onde a comunidade é maior e estaria mais perto de Portugal. Sabe que sentirá falta do seu círculo de amigos daqui, das coisas de Cabo Verde e da maior proximidade com a terra.

Luísa morava com os pais em Portugal desde que saíram de Cabo Verde. Imigrou novamente, primeiro para a Espanha e depois, de forma clandestina, para a Itália, por sugestão de umas amigas que já lá se encontravam. Teve uma filha com um imigrante de outro país africano, mas a relação terminou. Numas férias em casa de uma amiga na Holanda, reencontrou um velho amigo de infância, viúvo, e começaram a namorar. Naquele momento, o rapaz fazia trabalhos ocasionais na Holanda e mudou-se para a Itália onde passaram a viver juntos. Ele trabalhou durante um tempo como jardineiro, mas diz que não se adaptou ao país. Agora, Luísa quer esperar a sua reforma e vir morar em Portugal, onde tem familiares e muitos amigos. Tem mágoas em relação à Itália porque, apesar da sua filha ser italiana, percebe que não lhe dão as mesmas oportunidades que aos outros, cujos pais são também italianos. Avalia que a sua filha terá uma vida melhor e mais oportunidades em Portugal, ainda mais, tendo estudado em Itália. Mas há conflitos com o marido que, mesmo podendo contar com a ajuda de familiares em Portugal também, prefere voltar à Holanda onde alguns amigos prometeram arrumar-lhe um emprego.

O Carlos nasceu no país em que os pais viviam enquanto estudavam, e muito cedo, foi enviado para Cabo Verde para ficar aos cuidados dos avós e tios até os pais terminarem a formação superior e regressarem. Depois, ele mesmo fez o seu percurso de estudante universitário, agora para um país diferente daquele onde os pais estudaram, mas não se adaptou e, poucas vozes na família se levantaram para decidir que ele devia voltar a Cabo Verde. Impedir que ele volta-se a Cabo Verde tornou-se, aliás, a preocupação familiar central; tios, primos e demais

membros da família alargada (em Cabo Verde, no lugar onde estudava e em outros lugares de imigração) decidiram que ele devia permanecer no exterior, deslocando-se, agora, para outro país que não aquele onde estuda. Esperam que, neste último lugar, os familiares o ajudem a encontrar um emprego, ou a descobrir a sua vocação e retomar os seus estudos. Carlos deslocou-se novamente, mas toda esta mudança não o fará desistir da ideia de ir para os Estados Unidos da América e lá se instalar. No futuro.

A partir destes relatos vemos como as experiências dessas pessoas no campo transnacional as deixa sujeitas à influência de múltiplas fontes de identificação e de “habitats de significação” que, como refere Vertovec (2001), não se restringem territorialmente. Como propõe Hall (2003), tal influência é inquestionável se adoptarmos uma definição ampla das identidades, que remete ao facto de serem geradas “em relação” e construídas, de parte a parte, numa forma dialéctica que inclui, em simultâneo, as atribuições internas (self-atribuição) e externas (descrição dos outros).

Os relatos apontam para aspectos centrais que introduzem uma concepção transnacional do self, por exemplo, pelo impacto de determinados tipos de conexões, que combinam a identidade colectiva com as múltiplas afiliações e posicionamentos das pessoas. Ou, ainda, pela forma como as pessoas ligam retalhos dos seus pertencimentos a complexas afiliações e múltiplas lealdades a assuntos, pessoas, lugares, tradições acima das fronteiras dos seus estados-nação de residência.

Fica também evidente a força das redes familiares, o papel da família ampliada como rede e local de memória que constitui o canal crucial, não mais apenas entre origem e destino. Por outro lado, os discursos de Rosa e Luisa remetem a duas faces de uma mesma realidade, que põe à prova a sua capacidade de se mover entre fronteiras e construir seu próprio mundo, estando ambas mais ou menos condicionadas pelos limites estruturais e culturais impostos ao desempenho do papel feminino que permeiam os seus campos sociais transnacionais.

As narrativas dão conta do uso de determinadas competências por parte dessas pessoas no que se refere à avaliação sobre os lugares onde é mais conveniente a instalação, as formas de auxílio com que podem contar no interior de uma rede que apóia as pessoas nos seus contactos e deslocações entre países. Sem dúvida que as competências demonstradas e a familiaridade relativamente a decisões que devem ser tomadas, remetem não apenas ao que o imigrante aprende no tempo curto da migração e das redes actuais (no que se refere ao repertório e conhecimento das comunidades sobre as formas mais favoráveis de imigração), como do tempo longo da cultura migratória secular cabo-verdiana e das competências colectivas adquiridas em relação a processos de circulação e práticas de vai-e-vem. É preciso lembrar que as características geo-estratégicas de Cabo Verde explicam a formação precoce de

uma comunidade transnacional e dos processos de saber circular desde o século XIX, muito anterior, portanto, à actual fase de desenvolvimento dos transportes e comunicações (Malheiros, 2001), o que torna o caso de Cabo Verde muito interessante à luz do quadro conceptual das comunidades transnacionais.

Além deste tempo longo onde se fixam as “habilidades” para se lidar com as situações no interior de um campo transnacional, cada lugar ou localidade relatado representa um raio de acção de factores condicionadores da identidade; as experiências de vida incluem histórias e estereótipos das pertenças locais e da exclusão, diferenças geográficas e culturais, graus e tipos de mobilidade colectiva, natureza e acesso a recursos e percepções e regulações em torno de direitos e deveres. Pelos relatos, é de se supor que os múltiplos habitats ajudam a ampliar o repertório cultural o que, por seu lado, influencia a construção de identidades ou, certamente, de múltiplas identidades.

Podemos dizer que, se o ambiente em que circulam suas vida recebe o nome de “campos sociais transnacionais” (Glick-Schiller et al. 1992), “espaços sociais transnacionais” (Pries, 1999) ou “translocalidades”, conforme diferentes autores, o importante é que esse ambiente define que as identidades aparecem e posicionam os indivíduos no curso das suas vidas diárias, cruzando cada um dos lugares de fixação ou de pertencimento, tal como é percebido pela pessoa.

Em síntese, o campo transnacional serve, não só para o manejo da migração (trazer o marido, por exemplo), como para a reprodução da identidade e a construção de novas estruturas relacionais com impacto nas formas de se ver e ser visto e que marcam a identidade, portanto. Experiências do gênero sugerem tipos diferentes de condições que afectam a construção, negociação e reprodução das identidades sociais “transnacionalizadas”.

Ao mesmo tempo, como nos lembra Portes, a tendência em designar os imigrantes contemporâneos de transmigrantes contraria os estudos mais recentes; nem todos os imigrantes são transnacionais, a prática transnacional não é universal, as actividades caracterizam uma minoria, costumam ser ocasionais e nem mesmo o envolvimento ocasional é universal (Portes, 2003). Portanto, em relação às práticas transnacionais e aos diferentes discursos sobre a diáspora e o transnacionalismo cabo-verdiano é necessário verificar em que medida representam uma alternativa distinta de outras formas sociais, processos e programas de instalação e incorporação dos imigrantes.

Desafio importante para disciplinas como a psicologia social, por exemplo, cuja teorização actual dominante sobre migrações trata dos processos de aculturação, assimilação, pluralismo cultural, identidade étnica, inclusão política e multiculturalismo.



No entanto, experiências como as que foram aqui relatadas apontam para outros processos, possibilidades interacionais e modos de estar para a imigração que mostram que faz sentido reflectir sobre a identidade e seus deslocamentos ligados aos transnacionalismo. O que significa o transnacionalismo como noção conceptual para a migração cabo-verdiana? Significa que, na imigração, sistemas de significação e de representação cultural se multiplicam, confrontando os imigrantes com seja multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, a par da cômoda história que construímos sobre nós mesmos, desde o nascimento, ou da confortadora “narrativa do eu” que nos tranquiliza no meio dos eventos que “empurram” as identidades em diferentes direcções.

## Referências Bibliográficas

- Bruneau, M. (1994), "Espaces et territoires de diasporas", *L'Espace géographique*, n.1, 1-18.
- Grassi, M. (2003), *Rabidantes. Comércio espontâneo transnacional em Cabo Verde*, Lisboa, ICS e Spleen Edições.
- Hall, S. (2001) *A identidade cultural na pós-modernidade*", São Paulo, DP&A Ed..
- \_\_\_\_\_. (2003) *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG; UNESCO.
- Malheiros, J. (2001) *Arquipélagos migratórios: transnacionalismo e inovação*, tese de doutoramento em Geografia defendida na Universidade de Lisboa (mimeografada).
- Portes, A. (1999) "La mondialisation par le bas", *Actes de la recherche en sciences sociales*. n.129, sept, pp.15-25.
- Portes, A. (2003) " Conclusion: Theoretical Convergencies and Empirical Evidence in the Study of Immigrant Transnationalism", *International Migration Review*, v.37, n.3 (fall), pp.874-892.
- Schanapper, D.(2001) "De l'État-nation au monde transnational . Du sens et de l'utilité du concept de diaspora", *Revue Européenne des Migrations Internationales*,(17)2, 9-36.
- Schiller, N.; Basch, L.; Blanc-Szanton, C. (1992) "Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration", *Annals of the New York Academy of Sciences*. Towards a transnational perspective on migration, 645, pp.1-24.
- Shuval, J. (2000) " Diaspora Migration: Definitional Ambiguities and a Theoretical Paradigm", *International Migration*, vol.38(5), pp. 41-55.
- Vertovec, S. (2001) "Transnationalism and identity", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol.27, n.4,(October), pp.573-582.

## **O CEsa**

*O CEsa é um dos Centros de Estudo do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, tendo sido criado em 1982.*

*Reunindo cerca de vinte investigadores, todos docentes do ISEG, é certamente um dos maiores, senão o maior, Centro de Estudos especializado nas problemáticas do desenvolvimento económico e social existente em Portugal. Nos seus membros, na maioria doutorados, incluem-se economistas (a especialidade mais representada), sociólogos e licenciados em direito.*

*As áreas principais de investigação são a economia do desenvolvimento, a economia internacional, a sociologia do desenvolvimento, a história africana e as questões sociais do desenvolvimento; sob o ponto de vista geográfico, são objecto de estudo a África Subsariana, a América Latina, a Ásia Oriental, do Sul e do Sudeste e o processo de transição sistémica dos países da Europa de Leste.*

*Vários membros do CEsa são docentes do Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional leccionado no ISEG/"Económicas". Muitos deles têm também experiência de trabalho, docente e não-docente, em África e na América Latina.*

## **Os autores**

*IOLANDA ÉVORA*

*Iolanda Maria Alves Évora- Psicóloga Social pela Universidade de São Paulo, Brasil, investigadora associada do Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento (Cesa,Iseg), ao abrigo do Programa Ciência 2008 da Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal (FCT). Desde 1998 conduz trabalhos de investigação sobre dimensões psicossociais da migração cabo-verdiana, primeiro realizando investigação sobre as mulheres de origem cabo-verdiana em Itália e, mais recentemente, sobre transnacionalismo, processos associativos em contexto migratório e concepções e discursos sobre a diáspora cabo-verdiana dentro e fora do arquipélago. No campo da saúde/imigração tem estudado, nomeadamente, aspectos das percepções e atitudes dos jovens face ao VIH/Sida. Recentemente, participa de equipas de investigação sobre processos organizativos em contextos de trabalho informal como as feiras e mercados no Brasil, Guiné-Bissau e Cabo Verde. Lecciona disciplinas de Psicologia Social e Organizacional e Metodologia Qualitativa em licenciaturas e mestrados do ensino superior no Brasil, em Cabo Verde e em Portugal.*

***Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento***  
***Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG/"Económicas")***  
***da Universidade Técnica de Lisboa***

*R. Miguel Lupi, 20                      1249-078 LISBOA                      PORTUGAL*  
*Tel: + / 351 / 21 392 59 83              Fax: [...] 21 397 62 71              e-mail: cesa@iseg.utl.pt*  
*URL: <http://www.iseg.utl.pt/cesa>*